

NOLOS ADUR

O QUE BUSCAM OS MAÇONS

*UM RETRATO EXPLORATÓRIO DA EXPERIÊNCIA MAÇÔNICA
CONTEMPORÂNEA, COM PERCEPÇÕES E CAMINHOS PRÁTICOS.*



EDITORA SIGNA
EDIÇÕES CRITERIOSAS
BRASÍLIA-DF • 2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Adur, Nolos

O que buscam os maçons : um retrato exploratório da experiência maçônica contemporânea, com percepções e caminhos práticos / Nolos Adur. -- Brasília, DF : Editora Signa, 2026.

ISBN 978-65-82043-09-3

1. Maçonaria 2. Lojas maçônicas 3. Relações interpessoais 4. Cultura organizacional
5. Desenvolvimento organizacional I. Título.

CDU-061.236.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Maçonaria : Organizações fraternais 061.236.6

Copyright ©

2026 Editora Significativa Ltda

Todos os direitos reservados.

Editora Signa · Brasília-DF · 2026

DEDICATÓRIA

Ao meu filho e irmão William Sólon, com amor, orgulho e esperança, pela presença que me inspira e pelo vínculo que, na vida e na Ordem, nos une em afeto, confiança e propósito.

Aos irmãos que, entre o ideal e a vida concreta da Loja, continuam buscando sentido, fraternidade e verdade.

Aos que permanecem, mesmo quando o caminho se torna difícil.

Aos que adormeceram em silêncio, mas ainda guardam, no íntimo, uma centelha de pertença.

E aos que não desistiram de acreditar que a Maçonaria pode ser, de fato, um lugar de escuta, amadurecimento e renovação.

É a eles, e por eles, que estas páginas se dirigem.

AGRADECIMENTOS

Ao Grande Arquiteto do Universo, fonte de luz, sentido e orientação.

Agradeço, com especial respeito, à minha Loja Bento Gonçalves nº 4060, ambiente de convivência, aprendizado e reflexão, no qual amadureceram muitas das inquietações que deram origem a este livro.

Registro, também, meu agradecimento fraterno aos irmãos que, pela palavra, pelo exemplo, pelo convívio e até pelas divergências, contribuíram para esta caminhada. De modo especial, agradeço ao Soberano Irmão Ademir Cândido da Silva, ao Grão-Mestre Distrital Adjunto, irmão Walderico de Fontes Leal, e ao irmão Eliseu Kadesh Rosa Assunção, da Secretaria-Geral de Planejamento do Grande Oriente do Brasil, pelo apoio, pela presença e pela contribuição institucional e fraterna.

Agradeço, ainda, aos irmãos que participaram da pesquisa exploratória que dialoga com esta obra. Suas respostas trouxeram percepções relevantes e ajudaram a dar maior densidade prática às reflexões aqui desenvolvidas.

Por fim, agradeço a todos os que continuam acreditando em uma Maçonaria mais consciente, mais fraterna, mais corajosa e mais coerente com os seus próprios princípios. Este livro também lhes pertence.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	5
AGRADECIMENTOS	7
SUMÁRIO	9
APRESENTAÇÃO AO LEITOR MAÇOM	17
NOTA DO AUTOR	21
NOTA METODOLÓGICA	25
COMO LER ESTE LIVRO EM LOJA	27
PARTE I — O SILÊNCIO DA LOJA (PANORAMA)	29
CAPÍTULO 1 — O QUE SE FALA NA PORTA DO TEMPLO	31
1.1 Considerações preliminares	31
1.2 A porta do Templo como espelho da Loja	32
1.3 Estacionamento, corredores e grupos de mensagens	33
1.4 O que os bastidores revelam	34
1.5 Crítica destrutiva e crítica fraterna	34
1.6 O jogo duplo	35
1.7 Sintomas de uma Loja dividida entre o dentro e o fora	36
1.8 Integrar o que se fala e o que se escreve	36
1.9 Perguntas que este capítulo deixa à Loja	37
CAPÍTULO 2 — HARMONIA NÃO É UNANIMIDADE	38
2.1 Considerações preliminares	38
2.2 A questão da harmonia	39
2.3 O grande equívoco: confundir silêncio com respeito	40
2.4 Hierarquias, suscetibilidades e o peso invisível das tradições	40
2.5 Harmonia e tratamento do erro	41
2.6 Pertencimento não nasce de unanimidade	42

2.7 Quando evitar conflito se torna cultura	42
2.8 Adormecimentos silenciosos e paz aparente	43
2.9 Unanimidade como sinal amarelo	43
2.10 Harmonia como fruto, não como pretexto	44
CAPÍTULO 3 — POR QUE É TÃO DIFÍCIL FALAR DO QUE DÓI	45
3.1 Considerações preliminares	45
3.2 O preço da paz: assuntos intocáveis	46
3.3 Motivos pessoais: vaidade, insegurança, cansaço e traumas	46
3.4 Discrição, medo de expor e o muro do “isso não é assunto para a Loja”	47
3.5 Motivos institucionais: quando a forma sufoca a palavra	48
3.6 Pautas engessadas e ausência de espaços de escuta	49
3.7 O círculo vicioso entre indivíduo e instituição	49
3.8 Falar do incômodo como ato de amor à Loja	50
3.8.1 Conclusão	50
PARTE II — AS CONVERSAS QUE A LOJA NÃO TEM	53
1. Considerações preliminares	55
CONVERSA 1: O TEMPO DAS SESSÕES	57
1.1 A cena	57
1.2 O que realmente está em jogo	57
1.3 O preço do silêncio	58
1.4 Como pautar isso em Loja sem quebrar a harmonia	59
1.5 Pequenos pactos práticos	60
1.6 Conclusão	61
CONVERSA 2: VAIDADES, CARGOS E PODER	62
2.1 A cena	62
2.2 O que realmente está em jogo	62
2.3 O preço do silêncio	63
2.4 Como pautar isso em Loja sem quebrar a harmonia	64
2.5 Pequenos pactos práticos	65
2.6 Conclusão	66
CONVERSA 3: MENTORIA QUE NÃO EXISTE (OU QUASE)	67
3.1 A cena	67

3.2 O que realmente está em jogo	67
3.3 O preço do silêncio	68
3.4 Como pautar isso em Loja sem quebrar a harmonia	69
3.5 Pequenos pactos práticos	70
3.6 Conclusão	71
CONVERSA 4: CONFLITO DE GERAÇÕES	72
4.1 A cena	72
4.2 O que realmente está em jogo	72
4.3 O preço do silêncio	73
4.4 Como pautar isso em Loja sem quebrar a harmonia	73
4.5 Pequenos pactos práticos	74
4.6 Conclusão	75
CONVERSA 5: RITUALISMO MECÂNICO E VAZIO DE SENTIDO	76
5.1 A cena	76
5.2 O que realmente está em jogo	76
5.3 O preço do silêncio	77
5.4 Como pautar isso em Loja sem quebrar a harmonia	78
5.5 Pequenos pactos práticos	78
5.6 Conclusão	79
CONVERSA 6: FILANTROPIA DE FACHADA	80
6.1 A cena	80
6.2 O que realmente está em jogo	80
6.3 O preço do silêncio	81
6.4 Como pautar isso em Loja sem quebrar a harmonia	82
6.5 Pequenos pactos práticos	83
6.6 Conclusão	84
CONVERSA 7: IRMÃOS QUE SOMEM EM SILÊNCIO	85
7.1 A cena	85
7.2 O que realmente está em jogo	85
7.3 O preço do silêncio	86
7.4 Como pautar isso em Loja sem quebrar a harmonia	87
7.5 Pequenos pactos práticos	88
7.6 Conclusão	88

CONVERSA 8: QUANDO A VIDA DESMORONA E A LOJA NÃO SABE O QUE FAZER	90
8.1 A cena	90
8.2 O que realmente está em jogo	90
8.3 O preço do silêncio	91
8.4 Como pautar isso em Loja sem quebrar a harmonia	92
8.5 Pequenos pactos práticos	93
8.6 Conclusão	94
CONVERSA 9: REDES SOCIAIS, EXPOSIÇÃO E DESCONFORTOS	95
9.1 A cena	95
9.2 O que realmente está em jogo	95
9.3 O preço do silêncio	96
9.4 Como pautar isso em Loja sem quebrar a harmonia	97
9.5 Pequenos pactos práticos	97
9.6 Conclusão	98
CONVERSA 10: SUCESSÃO, RENOVAÇÃO E LOJA CANSADA	99
10.1 A cena	99
10.2 O que realmente está em jogo	99
10.3 O preço do silêncio	100
10.4 Como pautar isso em Loja sem quebrar a harmonia	101
10.5 Pequenos pactos práticos	101
10.6 Conclusão	102
CONVERSA 11: DINHEIRO, TRANSPARÊNCIA E MAL-ENTENDIDOS	104
11.1 A cena	104
11.2 O que realmente está em jogo	104
11.3 O preço do silêncio	105
11.4 Como pautar isso em Loja sem quebrar a harmonia	106
11.5 Pequenos pactos práticos	106
11.6 Conclusão	107
CONVERSA 12: PROJETO DE LOJA	108
12.1 A cena	108
12.2 O que realmente está em jogo	108
12.3 O preço do silêncio	109

12.4 Como pautar isso em Loja sem quebrar a harmonia	110
12.5 Pequenos pactos práticos	110
12.6 Conclusão	111
PARTE III — COMO FALAR DO QUE NUNCA SE FALOU	113
CAPÍTULO 1 — PREPARANDO O TERRENO	115
1.1 Considerações preliminares	115
1.2 Começar pelo espelho, não pelo dedo em riste	117
1.3 Como propor a leitura à Loja sem gerar resistência	117
1.4 O papel do Venerável	118
1.5 O papel do Orador	119
1.6 O papel do Mestre de Cerimônias	119
1.7 Cuidados fundamentais: não transformar o livro em arma	120
CAPÍTULO 2 — MÉTODOS DE DIÁLOGO FRATERNAL	121
2.1 Considerações preliminares	121
2.2 Regras simples de fala e escuta	123
2.3 Limites necessários	123
2.4 O uso do tempo: minutos, não eternidades	124
2.5 Como registrar conclusões sem burocratizar	124
2.6 O moderador: mais jardineiro do que juiz	125
CAPÍTULO 3 — DA CONVERSA AO PACTO	126
3.1 Considerações preliminares	126
3.2 O risco do desabafo sem decisão	128
3.3 Um roteiro simples para transformar desabafo em decisão	128
3.4 Modelos de pactos	129
3.5 Ajustando pactos ao marco regulatório	130
3.6 Pactos como sementes, não como algemas	130
CAPÍTULO 4 — COMO MANTER A CHAMA ACESA	132
4.1 Considerações preliminares	132
4.2 Repetir conversas sem cair em repetição vazia	133
4.3 Avaliar resultados com indicadores simples	133
4.4 Passar o bastão do processo às novas gerações	134
4.5 Cuidar da fadiga	135

4.6 Registrar a caminhada	135
4.7 Conclusão	135
PARTE IV — FERRAMENTAS PARA A LOJA TRABALHAR O LIVRO . . .	137
1. Considerações preliminares	139
CAPÍTULO 1 — DE SER INSTRUMENTAL	141
1.1 Considerações preliminares	141
1.2 Roteiro de sessões temáticas	142
1.2.1 Estrutura básica de cada sessão temática	143
1.2.2 Preparação	143
1.2.3 Abertura	143
1.2.4 Disparadores de fala	144
1.2.5 Perguntas-guia	144
1.2.6 Encaminhamentos	144
1.2.7 Exemplo resumido: sessão sobre “O tempo das sessões”	145
1.2.8 Como usar bem os roteiros	145
1.2.9 Conclusão	145
1.3 Modelos de pactos e resoluções internas	146
1.3.1 Modelo 1	146
1.3.2 Pacto pelo acolhimento dos irmãos ausentes	146
1.3.3 Acolhimento de ausentes	146
1.3.4 Retornos	147
1.3.5 Revisão	147
1.3.6 Modelo 2	147
1.3.7 Pacto pelo estudo regular	147
1.3.8 Bloco de estudos	148
1.3.9 Planejamento anual	148
1.3.10 Participação	148
1.3.11 Revisão	148
1.3.12 Modelo 3	149
1.3.13 Pacto pelo uso responsável de redes sociais	149
1.3.14 Princípios	149
1.3.15 Limites de exposição	149
1.3.16 Correção fraterna	149
1.3.17 Formação	150

1.3.18 Revisão	150
1.3.19 Modelo 4	150
1.3.20 Pacto pelo uso equilibrado do tempo em sessão	150
1.3.21 Duração orientadora	150
1.3.22 Prioridades	150
1.3.23 Palavra e objetividade	151
1.3.24 Revisão	151
1.3.25 Modelo 5	151
1.3.26 Pacto de mentoria e acompanhamento dos irmãos novos	151
1.3.27 Estrutura de acompanhamento	151
1.3.28 Encontros e trilha mínima	151
1.3.29 Escuta da experiência	151
1.3.30 Revisão	152
1.3.31 Modelo 6	152
1.3.32 Pacto de cuidado em crises pessoais	152
1.3.33 Princípio geral	152
1.3.34 Forma do cuidado	152
1.3.35 Limites	152
1.3.36 Revisão	153
1.3.37 Como usar bem estes modelos	153
1.3.38 Conclusão	153
1.4 Questionário anual da Loja	153
1.4.1 Para que serve o questionário anual	154
1.4.2 Como aplicar bem	155
1.4.3 Questionário anual da Loja	155
1.4.4 Modelo-base	155
1.4.5 Como ler os resultados	157
1.4.6 Isso exige três regras de prudência.	157
1.4.7 O que o questionário ensina à Loja	158
1.4.8 Conclusão	158
1.5 Diário da Loja	158
1.5.1 Por que o Diário importa	159
1.5.2 O que registrar	160
1.5.3 Como usar bem o Diário	161
1.5.4 Modelo simples de entrada no Diário da Loja	161

1.5.5 <i>O que o Diário evita</i>	162
1.5.6 <i>Conclusão</i>	162
CONCLUSÃO	163
SOBRE O AUTOR	165

APRESENTAÇÃO AO LEITOR MAÇOM

Escrevo estas páginas pensando em você que, depois de um dia cheio de trabalho, família, preocupações e prazos, veste o avental, ajusta as luvas e segue para a Loja. Você que, não raro, chega cansado, mas entra no Templo com a esperança silenciosa de sair um pouco melhor do que entrou.

Este livro nasceu exatamente desse lugar. Não da Maçonaria idealizada dos discursos de sessão magna, nem da Maçonaria romantizada das obras clássicas, mas daquela que vivemos na prática, com suas grandezas e suas pequenas misérias, com seus momentos luminosos e também com suas sombras.

O título fala de uma busca. Mas, no fundo, o que estas páginas procuram é dar nome ao que tantas vezes permanece do lado de fora do Templo, no estacionamento, nos grupos de mensagens, na cozinha do ágape ou em conversas reservadas entre dois ou três irmãos. Você sabe do que estou falando.

Há temas que raramente entram em ata, mas vivem na cabeça e no coração dos maçons: o tempo das sessões, a sensação de que sempre os mesmos decidem tudo, a dificuldade de integrar os irmãos novos, o conflito silencioso entre gerações, o ritualismo mecânico, a filantropia que às vezes parece mais pose do que transformação, os irmãos que vão sumindo até que um dia percebemos que não voltaram mais. E, por trás de tudo isso, uma pergunta incômoda: como anda, de fato, a saúde da nossa Loja.

Não escrevo estas páginas como quem atira pedras de fora do Templo. Escrevo como quem está dentro, há anos, vendo, ouvindo, sentindo e, como você, amando a instituição o bastante para não se contentar com o “deixa como está para ver como é que fica”. A pior forma de falta de amor pela Loja não é a crítica. É a indiferença.

Este não é um livro de acusações, nem um compêndio de verdades definitivas sobre a Maçonaria. É um convite a conversas maduras. Por isso, em vez de grandiloquência, você encontrará aqui cenas reconhecíveis, diagnósticos francos e propostas simples, quase sempre de

baixo custo e alta viabilidade. Ideias que qualquer Loja, de qualquer rito ou Obediência, pode adaptar à sua realidade sem ferir regulamentos ou tradições.

Antes de escrever, eu quis ouvir. Por isso, o livro dialoga também com 97 respostas voluntárias a um questionário eletrônico sobre a vida de Loja. O levantamento, realizado no segundo semestre de 2025 e concentrado principalmente em redes do Distrito Federal, tem natureza exploratória. Seus resultados oferecem indícios úteis à reflexão, mas não autorizam generalizações sobre Vales, Potências, ritos ou o conjunto da Maçonaria brasileira.

Ao longo da leitura, talvez você tenha a sensação de que alguém descreveu a sua Loja. Em alguns momentos, isso será reconfortante. Em outros, será desconfortável. Minha proposta é que ambos os sentimentos sejam úteis: o consolo de perceber que você não está sozinho e o incômodo necessário para sair da inércia.

A estrutura do livro foi pensada para servir tanto ao irmão que lê sozinho em casa quanto à Loja que decide trabalhar os temas em sessões de estudo, instruções, reuniões de Oficiais ou retiros.

Primeiro, procuro mostrar por que tantas conversas importantes continuam do lado de fora do Templo, em nome de uma suposta harmonia que, muitas vezes, é apenas medo de tocar em assuntos sensíveis. Depois, entro no núcleo do livro: as conversas que a Loja quase nunca tem. Tempo de sessão, vaidades, mentoria, conflito de gerações, ritualismo vazio, filantropia de fachada, irmãos que somem, crises pessoais, redes sociais, sucessão, finanças, projeto de futuro.

Cada uma dessas conversas segue uma espinha simples:

- começa com uma cena concreta;
- mostra o que está realmente em jogo;
- examina o preço do silêncio;
- propõe modo de pautar o assunto em Loja sem quebrar a fraternidade;
- termina com pequenos pactos possíveis.

Mais adiante, o livro oferece ferramentas para quem quiser sair da leitura individual e transformar isso em prática: roteiros de sessões temáticas, modelos de pactos internos, um questionário anual para a Loja escutar a si mesma e a proposta de um Diário da Loja, onde as conversas, decisões e revisões possam ser registradas com serenidade e continuidade.

Você não encontrará aqui receitas mágicas, nem promessas de que, se a Loja fizer X ou Y, tudo se tornará imediatamente perfeito. O que ofereço é algo mais honesto: caminhos viáveis, baseados em experiências concretas, para que cada Oficina encontre seu próprio modo de amadurecer.

Também não encontrará ataques a esta ou àquela Potência, a este ou àquele rito, nem disputas sobre quem é mais maçom do que quem. A Maçonaria já tem problemas demais para que desperdicemos energia em guerras de vaidade institucional. O foco aqui é a vida de Loja, o cotidiano concreto entre irmãos. É nesse chão que a Ordem vive ou adoece.

Talvez, em algum ponto da leitura, você se veja descrito em atitudes de que não se orgulha. Talvez perceba que, sem intenção, colaborou para o silêncio em torno de algum tema importante. Se isso acontecer, não fuja dessa autocrítica. Ela é preciosa. A Maçonaria fala muito de aperfeiçoamento pessoal. Este livro pretende apenas lembrar que esse aperfeiçoamento também passa pela forma como nos relacionamos em Loja, como ouvimos, como falamos, como decidimos, como incluímos ou excluimos.

Se, ao final, você se sentir mais disposto a propor uma conversa difícil, a acolher um irmão que adormeceu, a ouvir melhor os mais novos, a orientar quem chegou agora, a buscar mais clareza nas finanças ou a pensar um projeto de Loja que vá além do simples “funcionar”, então este livro terá cumprido o seu papel.

Minha intenção não é entregar respostas prontas, mas oferecer perguntas suficientemente boas para que cada Loja responda conforme sua história, sua cultura, sua Potência e sua realidade local.

O futuro da Maçonaria não será decidido por discursos vagos sobre a grandeza da Ordem, mas pela qualidade concreta das Lojas em que nos reunimos. E a qualidade dessas Lojas depende, em grande parte, da coragem que tivermos de falar, com respeito e verdade, sobre aquilo que, por tempo demais, fomos empurrando para depois.

Se você chegou até aqui, convido-o a seguir adiante com um compromisso simples: ler sem defensiva. Deixar-se provocar. Perguntar, a cada capítulo, onde isso toca a sua Loja e o que, realisticamente, vocês poderiam experimentar.

Que este livro seja uma pedra útil em seu caminho maçônico. Não a pedra que faz tropeçar, mas a que obriga a parar, observar o entorno, ajustar a rota e seguir com passos mais conscientes.

Se, a partir destas páginas, uma única Loja decidir abrir uma noite de trabalho para falar do que nunca falou, de forma fraterna e madura, já terá valido a pena.

NOTA DO AUTOR

(POR QUE ESCREVER SOBRE O QUE A LOJA NÃO FALA)

Não foi de um dia para o outro que decidi escrever um livro sobre o que a Loja não fala. Essa decisão nasceu devagar, em noites frias de pouca frequência, em sessões longas em que a pauta parecia nunca terminar, em mensagens de irmãos desabafando fora do Templo, em conversas de estacionamento que nunca chegavam às colunas. Enfim, desde 2011, quando iniciei na Ordem.

Durante anos, como qualquer maçom, fui acumulando impressões. Primeiro, a admiração: o rito, os símbolos, o silêncio, a ideia de pertencimento a algo maior do que nós mesmos. Depois, com o tempo, veio uma camada mais incômoda: perceber o quanto a vida de Loja, às vezes, se distancia daquilo que proclamamos nos discursos.

Foi em momentos muito concretos que a pergunta começou a insistir:

- quando vi um irmão novo, cheio de expectativa, ser engolido por uma rotina em que quase ninguém parecia realmente interessado em saber como ele estava;
- quando ouvi, mais de uma vez, a frase “isso não é assunto para a Loja” justamente quando o tema tocava feridas reais;
- quando percebi que irmãos que eu admirava começaram a faltar até que um dia estavam fora do quadro, e ninguém sabia dizer ao certo por quê;
- quando notei que mais energia era gasta em disputas silenciosas por cargos do que na construção de um projeto de futuro para a Oficina.

Nada disso é motivo para abandonar a Maçonaria. Pelo contrário. São motivos para levá-la a sério. Quem leva a instituição a sério não pode considerar normal o adoecimento silencioso das Lojas.

Escrevo este livro porque fui percebendo que existe uma espécie de código não escrito pairando sobre muitas Oficinas: certos temas não se tocam. Não se fala claramente de tempo de sessão, de vaidades, de dinheiro, de filantropia de fachada, de adormecimentos, de conflitos

geracionais, de crises pessoais. Não porque não existam, mas justamente porque são sensíveis demais.

O resultado é uma espécie de dissonância institucional. No Templo, um discurso idealizado sobre fraternidade, aperfeiçoamento e luz. Fora dele, comentários amargos, cansaço acumulado, ironias e resignação. Criam-se duas realidades paralelas: a Loja oficial e a Loja real. Quando a distância entre ambas cresce demais, alguns irmãos começam a se distanciar e, por fim, adormecem.

Eu não queria escrever um livro de denúncias. Não me interessa apontar o dedo para Potência A ou B, rito X ou Y, Oriente tal ou qual. Cada Obediência tem seus próprios desafios, mas há um ponto comum: onde houver maçons reunidos, haverá seres humanos com suas grandezas e suas misérias. E é disso que este livro trata.

O que realmente me moveu a escrever foi a percepção de que a Maçonaria ainda tem um potencial imenso de transformação, mas que esse potencial se perde quando as Lojas se contentam em apenas funcionar. Realizar sessões, cumprir calendário, ler atas, recolher contribuições e manter a engrenagem girando não é, por si só, garantia de vitalidade. Uma Loja pode estar em dia com suas obrigações formais e, ao mesmo tempo, profundamente cansada, envelhecida por dentro, desconectada da vida dos irmãos que a compõem.

Decidi escrever sobre o que a Loja não fala porque, em algum momento, ficou claro para mim que o silêncio não é neutro. Silêncio, em temas essenciais, é escolha. Quando evitamos conversar sobre algo que está prejudicando a vida da Oficina, fazemos uma opção: preservar o desconforto em vez de enfrentá-lo com maturidade. E toda escolha tem consequências.

A primeira consequência é afetiva: irmãos se desmotivam. A segunda é institucional: a Loja se torna menos atrativa para novos membros ou os recebe com entusiasmo inicial, mas não consegue mantê-los. A terceira é simbólica: o discurso sobre fraternidade passa a soar como retórica vazia para quem, na prática, não se sente verdadeiramente ouvido, acolhido ou desafiado a crescer.

Antes de escrever, eu quis ouvir. Se este livro fosse apenas a minha opinião pessoal, estaria condenado a ser mais um texto entre tantos. Por isso, nasceu a ideia de recolher, por meio de questionário eletrônico e participação voluntária, percepções de maçons sobre temas fundamentais da vida de Loja. Perguntamos sobre o que atrai, o que

desestimula, o que motiva, o que cansa e como são percebidas as sessões, a beneficência, a comunicação e a atuação das Potências.

As 97 respostas ofereceram sinais relevantes dentro da amostra, sobretudo vinculada ao Distrito Federal. Como o instrumento não recolheu dados sobre Estado, Vale, Potência, rito ou perfil dos participantes, seus resultados não permitem afirmar que os mesmos padrões atravessem toda a Maçonaria brasileira. Permitem, porém, formular perguntas mais precisas e confrontar experiências que merecem reflexão.

Escrevo este livro por três razões principais. A primeira é uma razão de honestidade. Não se pode falar na construção do homem melhor ignorando o ambiente em que esse homem é chamado a se aprimorar. Se a Loja é o laboratório desse aperfeiçoamento, não faz sentido varrer seus defeitos para debaixo do tapete. A segunda é uma razão de responsabilidade. Ao aceitar cargos, opinar, votar e influenciar decisões, cada irmão assume, ainda que não perceba, parte da responsabilidade pela saúde da sua Loja. Não basta culpar o sistema, a Potência, os mais antigos ou os mais jovens. Cada um de nós, ao se calar quando poderia propor uma conversa fraterna, ajuda a manter intacto o muro do silêncio. A terceira é uma razão de esperança. Eu acredito sinceramente que muitas Lojas podem se renovar sem romper com suas tradições nem negar sua história. Há Veneráveis dispostos a ouvir mais, irmãos antigos dispostos a orientar em vez de apenas controlar e irmãos novos dispostos a assumir responsabilidades, desde que não sejam tratados como figurantes. Mas, para que isso aconteça, é preciso criar espaços e métodos para conversas que hoje não existem.

Se este livro, em algum trecho, lhe parecer duro, peço apenas que o leia com a mesma benevolência com que um irmão mais experiente chamaria outro para uma conversa franca. Não há aqui prazer em criticar. Há um incômodo antigo com a distância entre o discurso e a prática e uma necessidade sincera de contribuir para diminuí-la.

Você não é obrigado a concordar com tudo. Aliás, espero que não concorde com tudo. O objetivo não é criar consenso artificial, e sim provocar reflexão. Se, ao discordar, você se sentir estimulado a conversar sobre o tema em sua Loja, o livro já terá cumprido parte de sua função.

Escrevo sobre o que a Loja não fala porque eu mesmo me calei, em muitos momentos, quando poderia ter falado. Porque já saí de sessão

carregando incômodos que não soube transformar em proposta. Porque já vi irmãos indo embora em silêncio e percebi que nossa omissão também tem consequências.

Esta nota é, de certo modo, uma confissão e um compromisso. Confissão de que eu também faço parte do problema sempre que escolho a comodidade do silêncio. Compromisso de tentar, por meio destas páginas, ser parte da solução, abrindo caminho para conversas que, no fundo, todos sabemos que são necessárias.

Se este livro encontrar eco em você, peço apenas uma coisa: não o deixe restrito à sua leitura individual. Leve uma pergunta para a Loja. Sugira uma sessão temática. Proponha um pacto simples. Dê o primeiro passo.

Escrevi sobre o que a Loja não fala porque acredito que, se aprendermos a tratar essas coisas com maturidade, respeito e coragem, a Maçonaria sairá mais forte, mais coerente e mais viva.

O autor.

NOTA METODOLÓGICA

A pesquisa utilizada como apoio empírico para esta obra foi realizada no segundo semestre de 2025, por meio de formulário eletrônico divulgado mediante link na internet. A participação foi voluntária. O instrumento destinava-se a maçons ativos ou adormecidos.

Foram registradas 97 respostas. A divulgação concentrou-se principalmente em redes vinculadas ao Distrito Federal, embora o formulário também tenha alcançado participantes de outras unidades da Federação. O instrumento não recolheu informações sobre idade, tempo de Maçonaria, Estado, Vale, Potência, rito ou grau. Por isso, não é possível descrever a composição da amostra segundo essas variáveis nem generalizar os resultados para o conjunto da Maçonaria brasileira.

O questionário continha 72 perguntas objetivas. Em 61 delas, o participante deveria assinalar uma única alternativa; em 11, era possível escolher mais de uma resposta. Nas questões de resposta única, os percentuais correspondem ao número de escolhas da alternativa dividido pelo total de respostas válidas da pergunta. Nas questões de múltipla escolha, cada percentual foi calculado em relação ao número de respondentes, razão pela qual a soma das alternativas pode ultrapassar 100%.

As primeiras 71 perguntas receberam 97 respostas. A última recebeu 96. A alternativa “Prefiro não responder”, quando assinalada, foi considerada resposta válida, e não ausência de resposta.

Por seu desenho, o levantamento é exploratório e descritivo, baseado em amostra não probabilística de conveniência e autoseleção. Seus resultados exprimem percepções dos participantes e são utilizados nesta obra como indícios para reflexão e formulação de hipóteses, não como estimativas representativas da população maçônica brasileira. O relatório apresenta resultados agregados; sem cruzamento da base individual, não se podem atribuir respostas distintas aos mesmos participantes nem estabelecer relações causais entre elas.

O questionário original e o relatório integral de respostas permanecem arquivados na conta do Google Forms utilizada na coleta. Para preservar a integridade dos dados, o endereço de edição e acesso às respostas não é divulgado no livro.

COMO LER ESTE LIVRO EM LOJA

Este livro foi pensado para ser lido de duas maneiras: em silêncio, por cada irmão, e em voz compartilhada, pela Loja. Ele só cumpre inteiramente seu papel quando sai da estante e entra na pauta do Templo, do salão de estudos, do retiro de Oficiais, do grupo que realmente decide o futuro da Oficina.

O que proponho aqui não é um manual rígido, mas um conjunto de caminhos possíveis. Cada Loja conhece sua própria cultura, o tempo de sessão de que dispõe e o perfil dos seus irmãos. Adapte o que fizer sentido. O importante é que o livro não vire apenas “mais um título citado”, mas um instrumento de trabalho.

Uma forma simples de começar é usar cada capítulo como base para instruções. Não é necessário ler o texto inteiro em Loja. Em geral, isso cansa. O melhor é:

- escolher previamente a conversa que será tratada;
- pedir a alguns irmãos que leiam o capítulo em casa;
- convidar um ou dois para uma exposição curta;
- abrir a palavra com foco na realidade da própria Loja;
- registrar, ao final, as principais percepções e algum encaminhamento simples.

Em Oficinas em que o espaço na sessão é curto, os temas podem ser trabalhados em grupos menores, ligados à coluna de estudos ou a comissões específicas. Pequenos grupos discutem, preparam devolutiva e devolvem à Loja leitura amadurecida e propostas concretas.

Outra possibilidade é usar o livro como eixo de palestras internas, encontros com Lojas coirmãs ou retiros de Oficiais. O importante é que as conversas saiam do plano da impressão e entrem no plano do trabalho ordenado.

Este livro também não deve ser usado como arma. Se algum irmão o utilizar para humilhar outro, perdeu-se completamente o propósito. O texto é espelho, não laudo definitivo. Serve para inspirar mudanças, não para fixar identidades negativas.

O uso mais fecundo do livro talvez seja combiná-lo com processos coletivos e reflexão individual. A leitura solitária, sem qualquer conversa